

CORPO COMO CAPITAL: ESTUDOS INICIAIS PARA O ENSINO DE ARTE

Autora: Francisca Kaline Sousa Santos¹

Orientadora: Dr^a Sainy Coelho Borges Veloso²

Modalidade Pôster

GT: Artes e Música

Resumo

O corpo na contemporaneidade é tido como capital, ou seja, é considerado como um produto e como tal sujeito aos valores de mercado. Dessa maneira requer um conjunto de esforços a fim de mantê-lo nos padrões e valores considerados “bons” pela sociedade, onde aquele que o possui obtém distinção social. O corpo belo, bem cuidado, atlético e “sarado” vende uma boa imagem e se tornou referência a ser seguido e cultuado. Onde aqueles que não o possuem ficam à margem do que é considerado adequado para a sociedade. Pensando nisso, e partindo do pressuposto que o corpo é um meio de ascensão social, um capital físico, simbólico em sua materialidade e econômico, que dá visibilidade aquele que o porta, acredita-se que seja necessário um estudo reflexivo e crítico a respeito de como o indivíduo se relaciona com o seu corpo e o corpo do outro, diante das atuais representações propagadas pela mídia. Portanto, neste estudo está sendo proposta uma investigação sobre a relação imagética midiática atual e sua absorção pelos jovens através do ensino de arte, tendo como eixo orientador o corpo feminino encontrado em revistas na atualidade. Metodologicamente, se atribui da pesquisa bibliográfica, da pesquisa-ação especificamente a observação participante e análise de conteúdo, da pesquisa de campo por focalizar determinada comunidade, neste caso a escola. E para análise dos dados será utilizado à pesquisa quantitativa e contará também com campo de estudos da Cultura Visual por proporcionar um posicionamento crítico e reflexivo nos educandos (as), diante das imagens impostas pela mídia. Para que isso se viabilize, este estudo será realizado entre jovens de duas turmas do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Waldemar Mundim, localizado no Conjunto Itatiaia – Goiânia GO. Acredito que através do ensino de arte e do campo de estudos da Cultura Visual é possível proporcionar aos educandos (as) olhar, ouvir, sentir, bem como a criticar/refletir sobre o tema em questão. Com isso compreender e propor soluções para eventuais problemas que vivenciam.

Palavras-chave: corpo, mídia, representações corporais, ensino de arte.

Corpo como capital: Onde está a Identidade?

¹ Discente do curso de Artes Visuais – licenciatura, pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) desde 2010. Atualmente está envolvida em estudos relacionados ao Corpo, sob orientação da Dr^a Sainy Veloso. E-mail: kalinesyan@hotmail.com.

² Doutora em História Cultural e mestra em Artes pela Universidade de Brasília - UnB; especialista em Linguagens Artísticas e licenciada em Educação Artística pela FA/Fundação Brasileira de Teatro-Brasília. Atualmente é professora da Faculdade de Artes Visuais e atua no programa de pós-graduação Performances Culturais, da Escola de Música e Artes Cênicas –EMAC/Universidade Federal de Goiás. Coordena o grupo de pesquisa Imagem e História Cultural/CAPES.

Atualmente o indivíduo se relaciona com seu corpo de forma diferente. Ao contrário do que ocorria na década de 60 em que os jovens³, através de seus corpos protestavam e iam à contramão da sociedade. Na contemporaneidade, no entanto, muitos tomam por referência corpos estereotipados impostos pela mídia, como forma de aceitação pelo outro e ascensão social em determinado grupo. Essa relação é defendida por Marcel Mauss (1974) como imitação prestigiosa, na qual “[...] procura discutir a relação indivíduo e sociedade no que diz respeito às atitudes quanto ao corpo [...]” (MAUSS *apud* RAMOS, 2010, p. 24), atitudes estas que estão presentes na construção da identidade dos jovens nos dias atuais e que segundo ele:

“[...] é por meio da educação (familiar, escolar e midiática) e de acordo com as épocas, as sociedades, as conveniências, as modas e os prestígios que os indivíduos [...] imitam atos, e corpos, visto como bem-sucedidos e que conquistaram autoridade sobre eles.”

Os jovens sofrem assim, influência de modelos adotados pela sociedade como ideal, para a construção de suas identidades. Stuart Hall (2011) explica que, atualmente, há uma pluralização de identidades, não havendo mais espaço para um sujeito unificado como no iluminismo.

Presenciamos nos dias atuais, um grande debate em relação à identidade, na qual se coloca em discussão, a partir da teoria social, “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2011, p. 7). Ou seja, o sujeito antes visto como centrado, portador de um núcleo no qual adquiria ao nascer e que o acompanhava durante sua vida, hoje está descentrado e sua identidade é constituída a partir da interação com o outro.

A noção de identidade vista pelo sujeito sociológico, abordado por Hall (2011) reflete na interação do indivíduo com a sociedade, “[...] esta concepção “interativa” da identidade e do eu.” (HALL, 2011, p.11), tem como principais referências de sua criação, os sociólogos americanos George H. Mead (1863-1931), Charles H. Cooley (1864-1929) “[...] e os interacionistas simbólicos [...]” (*ibid*), que defendiam que a identidade do sujeito era constituída na relação com o outro. Esta visão aborda que o sujeito apesar de ter uma consciência de si mesmo, também está em constante transformação, agregando para si

³ Segundo Rodrigo Rosistolato (2010) o termo jovem (objeto do presente estudo) é utilizado para dar nomes aos sujeitos que não são mais considerados crianças, porém, também não podem ser considerados como adultos. Podendo ser esta a fase da vida que engloba a puberdade e a fase adulta, estando aí compreendida a adolescência.

diferentes identidades ao entrar em contato com diferentes culturas. No entanto, esta visão abarca um sujeito em transformação, pois agrega para si “[...] várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2011, p. 12). Sendo assim, os jovens estão em constante mudança de identidade, tomando para si aquelas que lhes convém em determinado momento, possuindo, por vezes, várias ao mesmo tempo:

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p. 13).

O que é possível de se verificar na mídia, pela qual os sujeitos são diariamente bombardeados por inúmeras imagens em revistas, de corpos exuberantes e de sucesso. Este modelo é tomado pelos jovens somente em sua aparência como referenciais padronizados de beleza e construção de suas identidades visual como imago e de acordo com as expectativas que querem atender.

Através da mídia pode-se verificar como o corpo se tornou um produto que comporta bens, funções e serviços. A começar pelas inúmeras propagandas onde o corpo jovem, magro e sem marcas⁴, adquiriu uma posição privilegiada nos anúncios vendendo produtos e levando inúmeros jovens a desejar-lo como tal. Outro exemplo é a atual posição em que este mesmo corpo ocupa na moda, representado por modelos magérrimas que ocupam um patamar reconhecido internacionalmente e com altos salários, como as modelos Gisele Bündchen e Alessandra Ambrósio. São corpos que possuem um alto valor no mercado. No campo futebolístico temos como referência os jogadores Neymar e Ronaldinho Gaúcho com altos salários adquiridos também, com a venda de serviços e produtos publicitários. Sendo assim, esses sujeitos servem como referência de modelos a serem seguidos atualmente, uma vez que os mesmos através de seus corpos faturam milhões e ocupam uma posição de prestígio na sociedade. Devido a isso, nossos jovens, tanto de camadas sociais médias como as mais baixas, são levados a imitarem esses padrões corporais a acreditarem que com isso poderão ser bem sucedidos em suas vidas sociais e profissionais também. O que segundo Mirian Golgenberg (2010), a partir de reflexões do sociólogo francês Pierre Bourdieu, argumenta:

[...] no Brasil, determinado modelo de corpo, que Pierre Bourdieu chamaria de um corpo distintivo, é um capital: um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo

⁴ Onde na maioria das vezes são retocados por editores de imagem como o Photoshop.

conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício (2010, p. 9).

Percebemos que o corpo não mais significa a morada do espírito, de valores e sentimentos humanos. Essa ausência quanto à profundidade existencial, faz com que os jovens vivam numa busca constante por modelos corporais propagados pela mídia. A obsessão por um corpo perfeito, segundo Bourdieu (1990) aumenta seu valor pelo investimento de tempo, dinheiro e sacrifício nesse corpo.

A busca pela compreensão do modo de agir do outro, que segundo Goldenberg nos ajuda “[...] não só na compreensão de nós mesmos, mas revela também aspectos obscuros, ocultos, silenciados de nossas próprias vidas e da cultura em que estamos inseridos.” (GOLDENBERG apud VON DER WEID, 2010, p. 99), ela esclarece como estamos à mercê da nossa sociedade bem como escravos do nosso próprio olhar e do outro, o qual exerce grande influência sobre nós. Segundo Juan-David Nasio (2009, p. 143) “Ser humano significa incluir o outro em nós e depender tão intimamente dele que ninguém poderia se considerar livre e autônomo.”, ou seja, o sujeito está intrinsecamente ligado ao outro e este faz parte de sua vida e de suas escolhas. Nessa mesma linha de pensamento Lana Costa Faria (2009) afirma que:

[...] o homem é visto e avaliado mediante sua presença. Ou seja, ele mesmo ostenta a imagem que pretende apresentar aos outros, uma vez que traz consigo o pensamento intrínseco de que é por seu corpo que é julgado e classificado (FARIA, 2009, p. 67).

Se assim for, a imagem do nosso corpo está associada somente à aparência e construída culturalmente, ou seja, do que julgamos estar apto para o olhar do outro, do que está dentro dos padrões impostos por nós como aceitáveis na sociedade. O corpo é também, construído historicamente, pois cada época tem uma visão de corpo diferente. Atualmente se o que prevalece é o corpo como capital cuja importância e valor incide no investimento a ele destinado, onde está a identidade ou as identidades do sujeito? Uma vez, que nos espelhamos no outro para sermos “aceitos” na sociedade, poderíamos indagar que não há uma identidade própria a cada um, mas sim um aglomerado de identidades adquiridas e reformuladas a partir do outro? Somos apenas um reflexo no espelho?

Através do corpo somos vistos e identificados. Ele é o nosso cartão de visita. Diante disso, acabamos por assumir identidades corporais que agrada ao outro, ficando por assim dizer, subjugados ao seu olhar. Cabe, portanto, pensarmos e refletimos sobre nossa atual

condição dentro da sociedade, e através do ensino de arte proporcionar discussões a respeito das visualidades encontradas nas revistas e que imputam de certa forma, sobre como devemos ser, pensar e agir.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FARIA, Lana Costa. Relações de Poder: Escola, Cultura e Educação na Uniformização dos Corpos. In: RODRIGUES, E. B. T.; FARIA, C. L. (Org.) **O ensino de dança: desafios e possibilidades contemporâneas**. Goiânia: GRAFSET – Gráfica e Editora Ltda., 2009.

GOLDENBERG, Mirian. Prefácio à segunda edição: O corpo como capital. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. - São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

NASIO, J.-D. **Meu Corpo e Suas Imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

RAMOS, M. S. Apresentação: O corpo como capital e a felicidade. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. - São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2010.

ROSISTOLATO, Rodrigo. Fazendo gênero na escola. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. - São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2010.

VON DER WEID, O. Troca de casais: gênero e sexualidade nos novos arranjos conjugais. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. - São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2010, p. 94-120.